

Pesquisas antropológicas

A LINGUAGEM DE ASSOBBIO DOS ÍNDIOS



Índio Bororo (Rondônia)

Há muitos anos os meios culturais brasileiros enriqueceram-se com a vinda dos Aytai, da Europa para nossa terra. Eles são o antropólogo, médico e engenheiro Desidério Aytai e sua esposa dona Elisabeth, doutora em Música pela Universidade de Budapest, Hungria. Muitas pesquisas em ambos realizado, abrangendo sobretudo os setores de Antropologia, Etnologia e Linguística, e abundante material, coletado durante suas viagens ao sertão, quando mantiveram contato com tribos indígenas, está guardado em Museus de Campinas, Paulínia e Monte Mor.

Usando as técnicas mais modernas, os Aytai realizaram gravações de vozes, canções e dialetos dos índios, e documentaram todos os aspectos da vida e da morte dos habitantes de

nossas florestas em toda a sua pureza e realismo. Lendas, costumes, tradições, crendices, artesanato, cerimônias língua têm sido estudados com rigor científico e seriedade.

Um dos mais recentes trabalhos de pesquisa do prof. Desidério Aytai diz respeito à linguagem de Assobio dos índios Bororo e Karajá, e sobre o assunto quisemos ouvir-lhe o depoimento pessoal.

“A primeira reação do civilizado ao ouvir dois índios Bororo ou Karajá conversarem em sua linguagem de assobio é espanto e incredulidade. Parece incrível que os índios possam ter uma segunda língua, que permite não só uma simples comunicação rudimentar, mas uma conversação aparentemente normal, de velocidade comparável à conversa co-

mum, e que é totalmente inacessível para o não iniciado.

DES VENDANDO O MISTÉRIO

Tentando descrever, analisar e comparar estas linguagens de assobio, e assim desvendar o mistério que as envolve, disse o dr. Aytai que se baseou nas seguintes fontes: 1.º — Referente ao assobio bororo, possuímos uma gravação magnetofônica feita, transcrita e traduzida pelo saudoso amigo Padre Cesar Albisetti, missionário salesiano, que não só discutiu detalhes conosco, mas autorizou seu uso, interpretação e publicação. 2.º — Coletamos exemplos de assobio karajá, pessoalmente, com vários informantes na-

tivos de Aruanã. 3.º — Recebemos alguns exemplos karajá, gravados pelo antropólogo George Donahue, que também autorizou seu uso sem restrições.

Imaginemos — explicou o dr. Aytai — que alguém queria falar a língua portuguesa com uma restrição grave: falar com a boca fechada. A expressão “nem abriu a boca” atesta a crença popular de que com os lábios fechados qualquer tipo de linguagem falada seja impossível. De maneira geral, esta crença carece de fundamento. Nós, as vezes, falamos com a boca fechada, embora este tipo de fala se limite a umas poucas sílabas.

E prosseguindo: “Alguém — com quem não tenho obrigação de manter a comunicação muito formal — fala-me algumas palavras que, por qualquer motivo — não entendo bem. Respondendo-lhe, então, com um som emitido com a boca fechada: Hum? Em vez desta conversa monossilábica, podemos imaginar exemplos um pouco mais complexos: Pergunta: E Você, realmente, quer fazer isto? “Resposta: “mm-m!” sendo a primeira sílaba, simbolizada por “mm” um pouco mais comprida do que a segunda, e pronunciada a uma altura mais aguda. Esta resposta equivale às palavras: “se quero!”

Articular com a boca fechada — afirmou o dr. Aytai — não é a linguagem do assobio; muito pelo contrário, no assobio somos impedidos de fechar a boca. Todo o ser humano, possuindo anatomia normal da cavidade bucal e tendo os dentes incisivos e caninos em bom estado, consegue assobiar espontaneamente, ou após alguma experimentação. Praticando esta técnica do corpo, a pessoa notará que a altura

musical do som produzido varia, e observando os movimentos executados pelos órgãos fonadores, constatará que a variação da altura depende principalmente da posição da língua na boca. A língua ocupa maior ou menor espaço, e modifica também a forma do volume livre da boca que ela não ocupa. Constitui-se assim um ressonador que modifica a altura e o timbre do som produzido. É a posição da língua que determina a formação das vogais na fala articulada”.

PODEMOS PRODUZIR AS VOGAIS BÁSICAS ASSOBIANDO

O dr. Aytai mostra a reportagem esquemas de como articulamos as vogais e consoantes. E conclui: “Podemos produzir as vogais básicas com assobios. O ouvido humano distingue estas vogais apesar de serem assobiadas e não pronunciadas com o zumbido produzido, no caso da fala, pelas cordas vocais, e totalmente ausente no caso do assobio articulado”.

Citando Dieberman, Crelin e Klatt, que argumentam que as principais vogais que distinguimos com maior clareza são as vogais básicas I, A, U — explica o dr. Aytai que a experiência de todos os dias mostra que, de um modo geral, sabemos distinguir mais vogais intermediárias (E, O) sem dificuldade. O que vale para a fala, vale para o assobio.

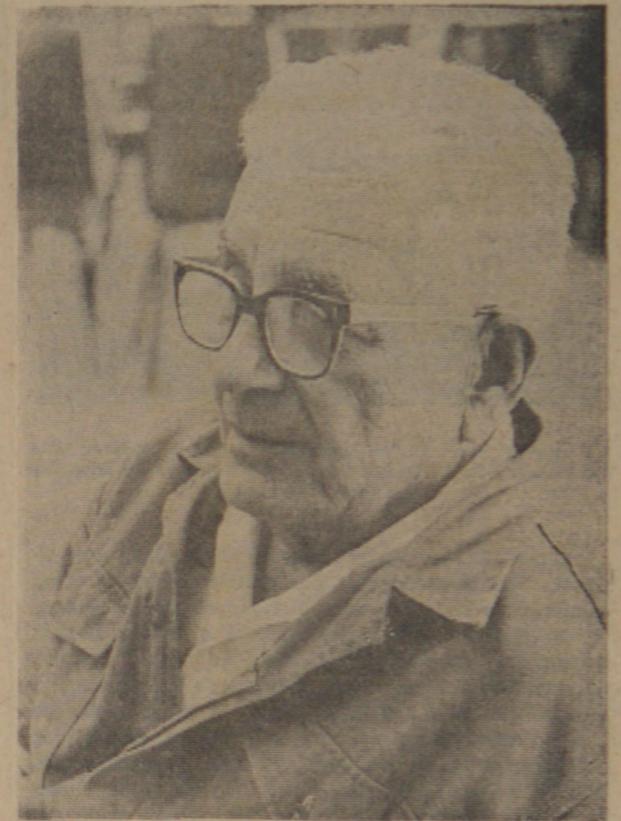
Chegamos, pois, a um resultado importante: podemos assobiar todas as vogais principais, e se houvesse uma linguagem composta unicamente de vogais, poderíamos nos comunicar nesta língua mediante o assobio.

— “Mas faltam as consoantes — disse o dr. Aytai. As consoantes sonoras não

podem ser articuladas no assobio, e consequentemente, aparecerão em suas formas surdas. O número de fonemas em bororo, conforme a monumental enciclopédia Bororo é de apenas 10. Há, portanto, uma redução simplificadora. O assobio tanto bororo como karajá raramente ultrapassa 4 ou 5 palavras, que são repetidas de 2 a 3 vezes, facilitando a compreensão. A nasalização das vogais é claramente percebida no assobio, sendo a duração da vogal nasal consideravelmente maior.

O dr. Aytai possui tabelas das consoantes e vogais bororo e karajá, suas formas correspondentes em assobio articulado e os símbolos gráficos na transcrição. Mas, evidentemente, uma simples reportagem não comportaria tal material rigorosamente científico.

Finalizando disse o Dr. Aytai que a maior dificuldade do assobio é a falta de prática, numa técnica não muito difícil, e numa língua estranha. Mas a juventude indígena não demonstra interesse em aprender o assobio articulado; e o esforço dos pesquisadores tem apenas o mérito de salvaguardar um costume dos primitivos, já em plena decadência. Para os antropólogos interessados os contatos podem ser feitos através do Museu Municipal de Paulínia, onde o prof. Aytai presta serviços.



Aqui o pesquisador antropólogo Prof. Desidério Aytai

TAPETES, CURTINAS, TECIDOS, MOVEIS, DECORAÇÕES

Tapeçaria **Brümill**

Setor de Artes e Ofícios

CONDICIONADO

ECONOMIZE COMPRANDO NO